

ERA UMA VEZ... CRIANÇAS, DESENHOS E HISTÓRIAS

Priscila Peixinho Fiorindo¹

Quando palavra e imagem se misturam, as palavras formam um amálgama com a imagem e já não servem para descrever, mas para fornecer som, diálogo e textos de ligação.

Will Eisner

Resumo

O presente estudo pretende mostrar o papel da memória de curto e de longo prazo em histórias orais, produzidas por crianças, de cinco anos, de ambos os sexos, a partir de representações pictográficas, isto é, desenhos feitos pelos sujeitos em questão.

Palavras-chave: discurso narrativo; desenhos infantis; memória.

Introdução

Partindo do pressuposto de que memória e narrativa são elementos inseparáveis, pois para se contar uma história é preciso ter um conhecimento prévio, ou seja, a estrutura narrativa (*script*) armazenada na memória, o presente artigo pretende mostrar o papel da memória de curto prazo e da memória de longo prazo, onde se encontram as memórias episódica e semântica, em histórias orais, produzidas por crianças, de cinco anos de idade, a partir de imagens feitas por elas.

Segundo Bitar (2002), a produção linguística, a partir de um referencial visual, evidencia a competência narrativa das crianças, isto é, seus movimentos no espaço discursivo. Na medida em que é oferecida à criança gravura, ou desenho, ela constrói, através da leitura da imagem, histórias reais e fictícias, ampliando assim, os espaços da leitura e possibilitando a recriação de sentidos. Outra razão para a exploração de histórias orais, a partir de gravuras, se deve ao fato desta prática ser bastante utilizada em classes de pré-escola e alfabetização. Tal prática se fundamenta na crença de que a representação pictográfica atua como elemento facilitador e estimulador na produção de narrativas.

Nesta perspectiva, o desenho feito pela criança, visualizado e armazenado na memória, auxilia na construção da história a ser narrada por ela, pois ele apresenta, muitas vezes, sentimentos, crenças e vontades que não são expressos por meio da fala, sem um estímulo externo. A partir dessa representação pictográfica é possível construir um diálogo, por meio da narração, entre o mundo real e simbólico, isto é, a imagem seria o passaporte para a verbalização daquilo que realmente a criança pensa, sente e crê, mas de forma lúdica.

Desse modo, a memória de curto prazo permite analisar os sons, as letras, as palavras e as estruturas sintáticas com a finalidade de fornecer uma representação semântica sob forma de orações. Mas o espaço para armazenar as informações é limitado,

¹ Doutora em Psicolinguística/USP, Mestre em Linguística/USP, Bacharel em Letras/Mackenzie, Licenciada em Português e Inglês/Mackenzie. Professora Bolsista da Pós-graduação no Projeto Mobilizadoras da Paz em parceria com a Sociedade Hólon e a Faculdade Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Salvador-BA. Currículo lattes disponível em <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4744418Z4>
E-mail: priscilafiorindo@hotmail.com

por isso, a duração delas nesta etapa é curta, permanecendo, enquanto for útil, e depois é descartada (ADAM, 1985).

Já a memória de longo prazo serve para reduzir a sobrecarga da *memória de trabalho ou memória de curto prazo*, e tem a capacidade ilimitada. Aqui, encontramos a memória episódica e semântica (TULVING, 1972), onde as informações são armazenadas e podem ser recuperadas posteriormente. Na memória episódica, estão armazenados os eventos presentes, passados e/ou futuros. E na memória semântica estão as informações do conhecimento de mundo do sujeito.

Sobre a narrativa...

Levando em conta que a narrativa é inerente à cultura e que, através dela, podemos conhecer e desvendar os mistérios que envolvem o ser humano, ela se torna indispensável ao estudo da evolução cognitiva e linguística na criança. Desse modo, não podemos ignorar o poder da narrativa e sua importância em todas as sociedades, que pela diversidade de suas formas e funções, às vezes sagradas, não podem ser estudadas dissociadas da experiência humana. Seu estudo tem sido ampliado desde o início do século XX pelas diversas disciplinas tradicionais – Literatura, Linguística, Antropologia, Psicologia, Sociologia, e constitui, hoje, um campo em sua totalidade: a Narratologia.

Embora existam diversos estudos para tentar conceituar o que é uma narrativa, não há ainda uma definição categórica que consiga assumir tal papel, pois ela depende de uma série de elementos que a caracterizam, de acordo com o objetivo a ser atingido. É válido observarmos que são inúmeras as óticas sob as quais é possível definir o conceito de narrativa. Então, podemos dizer que a própria dificuldade de encontrar uma única definição já se configura como uma de suas principais características.

No entanto, constatamos algumas peculiaridades inerentes ao discurso narrativo, tais como a presença da subjetividade, da ideologia, da imitação e da busca ao *self*. Assim, toda narrativa, oral ou escrita, é subjetiva e ideológica, pois os fatos narrados podem constituir valorizações conscientes ou inconscientes; uma narrativa de final feliz e outra que termina em morte do herói abrem perspectivas diferentes sobre a existência humana.

Considerando que a coleta de dados, aqui, foi a produção das histórias orais infantis, privilegiamos o conceito de narrativa desenvolvido por Labov (1972), que é destacado como um dos primeiros a se interessar pela narrativa conversacional, isto é, uma técnica de construção de unidades, as quais recapitulam a experiência na mesma ordem dos eventos originais, e mostram que a sequência temporal é sua prioridade definidora. O sociolinguista, também, ressalta que para existir a narrativa é indispensável o acontecimento, singular e inédito, digno de ser narrado.

A observação de um *corpus* homogêneo de narrativas de experiência de perigo/risco de morte leva o autor a concluir que a narração apresenta seis partes: 1. *resumo* – uma ou duas proposições que sintetizam toda a história; 2. *orientação* – elementos que situam os personagens, o lugar e o momento da história; 3. *complicação* – sequências dos acontecimentos e ações que formam o corpo da narração; 4. *avaliação* – o narrador informa a carga dramática ou clima emocional; 5. *resolução* – *resultado*; e 6. *coda* – o narrador informa que sua narrativa acabou.

Com base neste pressuposto, a intenção é apresentar um exemplo de análise de narrativa, a partir do modelo laboviano, mas procedendo de modo diferente do autor, uma vez que ele se ocupou de narrativas de experiências pessoais, “onde os locutores se

preocupam em reconstruir, até em reviver, fatos de seu passado”. Neste sentido, procuramos adaptar este modelo da narrativa às histórias orais elaboradas por crianças.

De acordo com o exposto, até o momento, torna-se evidente que a elaboração da narrativa depende do *script* –esquema armazenado na memória episódica, que orienta a criança-narradora a imaginar, criar e, ao mesmo tempo, relacionar fatos verídicos, que estão presentes na memória semântica, à sua história.

Bruner (2002) afirma que a narrativa trata das vicissitudes humanas, ou seja, ela se inicia com uma condição estável, canônica, que é rompida, resultando em uma crise, e solucionada por uma compensação, sendo que a repetição do ciclo é uma possibilidade em aberto e tudo isso só é possível pelos mecanismos de funcionamento da memória.

Memória

É relevante mostrar, aqui, de forma breve, o conceito de memória num percurso histórico. Nesta vertente, a origem da palavra memória nos remete à mitologia greco-romana, mais precisamente à deusa Mnemosine, personificação da lembrança, filha do Céu e da Terra, irmã de Cronos - o deus que preside o tempo - e mãe das Musas, que com ela regiam as artes e todas as formas de expressão, especialmente a poesia (BRANDÃO, 2008).

Na visão pré-socrática, o filósofo Diógenes Laércio se apoiava na crença de que a memória poderia estar relacionada ao ar, já que, em suas observações, havia notado que as pessoas respiravam, com maior facilidade, após recordarem de um fato esquecido e que esse processo é, frequentemente, acompanhado pelo ato de tomar fôlego.

Já Platão, dizia que a memória seria análoga a uma impressão de cera, guardada tal qual o evento havia ocorrido e, se ela se perdesse, era porque não havia sido realmente vivenciado este evento. Nesta abordagem o homem teria a crença de que a memória poderia salvá-lo da degradação, conduzindo-o às verdades eternas, formas imóveis e anteriores a tudo o que se constrói, que se modifica, que é acidental e contingente.

Para Aristóteles a memória seria reminiscência que se manifestava, apenas, em seres que possuíam faculdade deliberativa, isto é, seres que tinham habilidade reflexiva, não reducionista, e esta competência seria um silogismo. Em outras palavras, a memória seria a única fonte de recordação e de transmissão de conhecimento de pessoa para pessoa e de geração para geração.

Com o passar dos anos, novas pesquisas surgiram e cada vez mais o conceito de memória foi se aperfeiçoando e mostrando a sua verdadeira plasticidade, característica do próprio cérebro; e na atualidade, a perspectiva da neurociência, considera a memória como evocação - recordação, recuperação de informações. Todas as mensagens captadas são armazenadas no cérebro, e para cada espécie de informação existe um tipo de memória ou sistema, por isso é possível que existam tantas memórias quantas são as experiências acumuladas (IZQUIERDO, 2004).

Conforme Nicoletis (2009), a função no cérebro não é definida geograficamente, mas sim determinada de acordo com as demandas da tarefa que se impõe ao cérebro, este deixa de ser um grande mosaico para ser, agora, como uma grande democracia.

Vale ressaltar que o nosso foco consiste em verificar o papel da memória de curto prazo, onde as informações têm uma durabilidade determinada e da memória de longo prazo – memória episódica (*script*) e semântica (conhecimento de mundo acumulado), na construção da narrativa oral infantil a partir da leitura de imagem, o próprio desenho da criança.

Método

Este trabalho é um recorte da dissertação de mestrado – “Em torno na narrativa/narração: a proposta revisitada do modelo laboviano de narrativa oral” (FIORINDO, 2005), em que se privilegiou uma pesquisa transversal realizada numa pré-escola, com 6 (seis) crianças paulistanas, de cinco anos de idade, de ambos os sexos; mas, aqui, apresentamos apenas 2 exemplos, em virtude do recorte mencionado.

Seleção dos sujeitos

A faixa etária escolhida, 5 anos, é a fase que antecede o início do processo formal de alfabetização (seis e sete anos), ou seja, a criança não tem ainda o domínio efetivo dos códigos da escrita, mas já é capaz de produzir histórias orais. Parafraseando F. França (1996), diríamos que se trata de uma seção da pré-escola, onde se destaca o desenvolvimento da linguagem por meio da produção de narrativas, prática de monólogos ou diálogos entre outros.

Gardner (1994:54) também alinha elementos que possibilitam a compreensão de características do pensamento infantil e afirma que “capacidades simbólicas particulares refletirão as práticas peculiares da cultura ou subcultura, mas a capacidade simbólica é uma aquisição universal da primeira infância”.

O autor ainda explicita que na idade de cinco ou seis anos, as crianças desenvolvem sentidos vigorosos de três dimensões de modo relevante. No mundo dos objetos físicos, desenvolvem uma teoria da matéria; no mundo dos organismos vivos, desenvolvem uma teoria da vida; e no mundo dos seres humanos, desenvolvem uma teoria da mente que incorpora uma teoria do *self*.

Então, após a apreciação dos objetivos da pesquisa, respectivamente pelas diretora e coordenadora da pré-escola, e de algumas conversas paralelas com as mesmas, os sujeitos foram selecionados, de acordo com os critérios que seguem:

- a) inexistência de comprometimento e/ ou distúrbios de linguagem;
- b) autorização prévia dos pais;
- c) disponibilidade das crianças no horário sugerido pela coordenadora – por volta das 9h ou 10h, quando a maioria das crianças estava acordada, e não estava fazendo nenhuma atividade programada pelas professoras.

O nível socioeconômico e cultural dos sujeitos é bem heterogêneo, pois a Instituição da AABB/SP (Associação Atlética do Banco do Brasil), está vinculada a um clube e dispõe de vagas para filhos de sócios e funcionários do mesmo estabelecimento.

Atividade proposta

Apoiando-nos em algumas pesquisas de Spinillo (1991), sobre a produção de narrativas com apoio de desenhos, as crianças foram solicitadas a desenhar e, posteriormente, contar uma história sobre a mesma imagem. Os materiais utilizados, para a elaboração dos desenhos, foram folhas de sultite e lápis de cor. As crianças, durante o período da coleta de dados, foram observadas na interação criança-criança, em suas produções pictográficas e narrativas.

As narrativas das crianças

De acordo com a proposta da atividade, após concluído o desenho, cada criança iniciou sua história, com participação da outra, se esta quisesse auxiliar. Consideramos P para pesquisadora, a qual interage quando necessário com os sujeitos, e as demais iniciais (Y e M) para as crianças.

DESENHO de Y



Exemplo 1 - Pássaro da Paz

1.Y: *é porque é porque tinha muita guerra antes e o pássaro da paz veio e deu a paz*

2.Y: *é ... só ((risos))*

3.M: (...) *tentaram pegar (o pássaro) porque ele é muito bonzinho*

4.P: (...) *e o que o pássaro fez mais Yannick?*

5.Y: *é ele deu a paz brincou e depois foi dormir*

(Yannick e Mariana, 5,0 in FIORINDO, 2005:68)

Após elaborar o desenho e atribuir um título, Y inicia sua história com o verbo “é”, explicando a existência do pássaro. Isso ocorre, pois não há a necessidade de se fazer uma introdução –“era uma vez...” devido aos conhecimentos de mundo partilhados, na atividade

proposta, entre a pesquisadora e as crianças, além do desenho, como recurso visual para o desenvolvimento da narrativa.

De acordo com Hudson & Nelson (1983), a narrativa é construída a partir da aquisição de esquemas/*scripts* (roteiros), armazenado na memória do sujeito, que os utiliza para elaboração de suas histórias. Neste contexto, o discurso narrativo torna-se o princípio organizador da experiência humana, pois é o ponto de encontro entre o nosso *self* e o mundo social; a história apresenta-se como uma fonte de dados valiosa para o estudo da memória (Bruner, 1997).

Também verificamos a subjetividade pela produção dos sujeitos (Yannick e Mariana), paralelamente à ideologia de paz, levando em conta que a história, citada, foi produzida em março/2003, época em que os EUA atacaram o Iraque, ou seja, embora as crianças de cinco anos não possuíssem a competência da leitura do código escrito, ambas, partilhavam dos conhecimentos do contexto histórico daquele momento, o qual era apresentado pelos pais, que incentivavam a prática da paz no dia a dia. A partir de então, constatamos o desejo de harmonia, expresso pelo personagem nomeado Pássaro da Paz.

Outra característica, sempre presente na narrativa, é a imitação, que desde Aristóteles (2006) até aos nossos dias, é uma qualidade congênita do ser humano, e daí serem incontáveis as narrativas que estão presentes nos mitos, nas lendas, nas fábulas, na História, nas tragédias, nos vitrais de igrejas, nos filmes, nos palcos dos teatros, no bailado, nas composições musicais e no próprio discurso da criança, logo que esta tem a capacidade de articular palavras em frases. A imitação, aqui, se deve ao fato das pessoas irem às ruas a fim de mostrarem o desejo de paz e por fim à guerra e/ou qualquer tipo de violência. Nesta perspectiva, observamos a presença da realidade trazida para narração.

Durante o processo narrativo identificamos a memória de curto prazo, informações recentes, sobre o contexto da atividade – o desenho e a narração, em que a criança articula tais informações com os conhecimentos de mundo acumulado, oriundos da memória episódica – *scripts*, que auxiliam na organização da narrativa, e as informações da memória semântica – como os fatos reais dos ataques dos EUA ao Iraque.

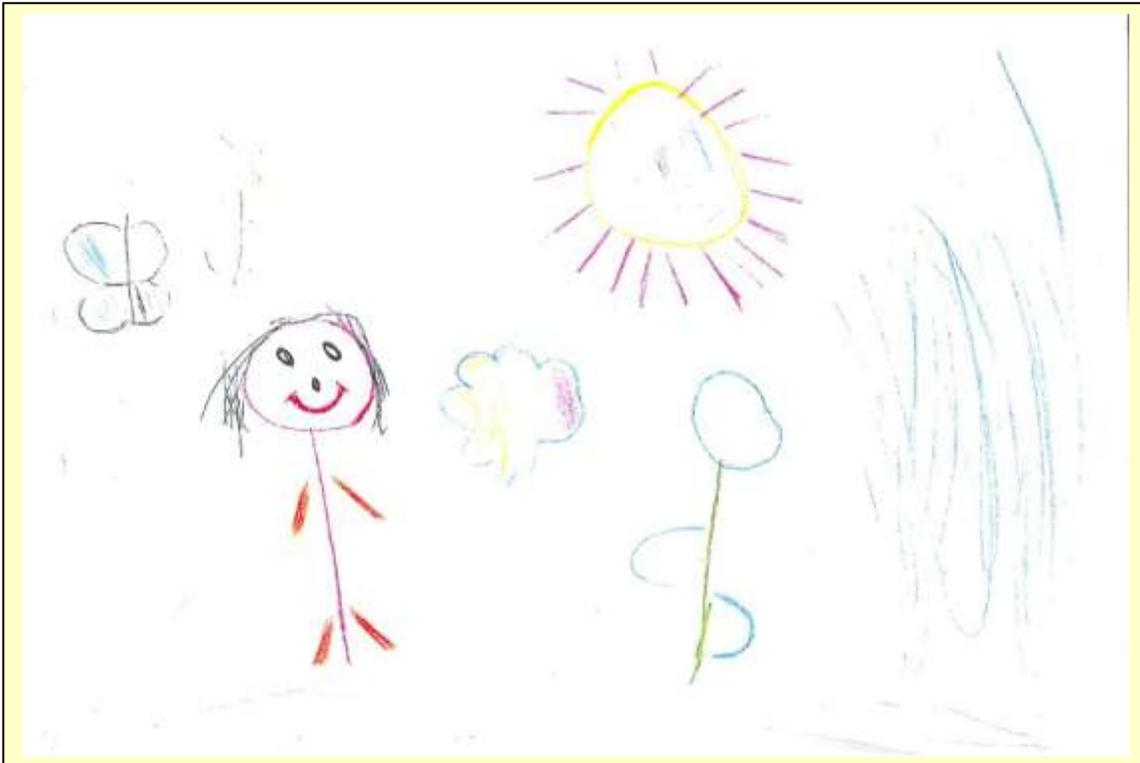
Paralelamente observamos algumas etapas da estrutura narrativa, proposta por Labov (1972): orientação – “*é porque é porque tinha muita guerra antes e o pássaro da paz veio e deu a paz*”, apresentação do personagem; ainda nesta frase há a complicação, ou seja, causa/consequência dos acontecimentos, que está grifada.

No turno 3, “(...) *tentaram pegar (o pássaro) porque ele é muito bonzinho*”, verificamos a avaliação, em que a criança-narradora se posiciona apresentando sua opinião da razão de terem capturado o pássaro, por ele ser bonzinho e, implicitamente, mostra a ideologia de que, às vezes, o ser bom não é muito bem quisto pela sociedade, por isso ele sofre as consequências da perseguição.

Em 5, Y sintetiza sua história apresentando o resultado da ação do pássaro da paz – “*é ele deu a paz brincou e depois foi dormir*”, ele cumpriu com sua obrigação (trazer a paz), se divertiu (brincou) e dormiu. O ato de dormir, segundo Y, mostra que a história acabou, o que Labov, denomina de coda e/ou moral da narrativa, em que a tarefa foi realizada e o pássaro descansou.

De acordo com a análise, até o momento, constatamos que o desenho auxilia na construção da história, na medida em que a criança olhava e apontava para ela na construção do enredo.

DESENHO de M



7

Exemplo 2 - Alice no país das maravilhas

1. M: *ela ela abriu uma portinha caiu na maravilha viu um monte de borboleta e umas flores gravada com um sol BEM Longe... uma flor ela cheirou ... a outra arrancou e uma veio um tomate*
2. M: *(...) as nuvens redondas ... as nuvens redondas com um coração MARCADO*
3. P: E o que Alice faz no país das maravilhas?
4. M: *ela pega ... ela bate na porta ... ela cai lá e vai brincando e cai numa casinha e fica lá bem ... a casa é muito pequena ... e tinha uma porta que era falona*
5. P: Hum porta falona e o que a porta falava?
6. M: *falava ... você tem uma coisa que se chama cartão de CRÉdito pra por ne mim? e você entra Rápido ...e ela disse (Alice) por enquanto eu não peguei ... posso entrá/ rapidinho SÓ prá/ visiTÁ/ as minhas AMIigas? aí ela disse (porta falona) SÓ um POUquinho meia hora você sai ((a criança na mudança de personagem de Alice para a porta falona, aumenta o tom de voz e arregala os olhos))*
7. *(...) aí o relógio tava assim ... TRIM TRIM TRIM TRIM TRIM TRIM TRIM TRIM BLOM::: ... aí tava na hora dela ir embora ... ela falou (Alice) boa tarde ... boa noite ... esqueci do boa tarde*

No exemplo acima, no turno 1, a criança, da mesma forma que no anterior, não utiliza o modelo canônico das narrativas infantis – “*era uma vez...*” para iniciar sua narrativa, devido ao apoio visual do desenho e do contexto compartilhado, entre a pesquisadora e a criança. Esta inicia a narrativa, descrevendo as ações dos personagens, o que Labov define como *orientação*, a segunda etapa da narrativa.

Em 2 “ (...) *as nuvens redondas ... as nuvens redondas com um coração MARCADO*”, notamos a *avaliação*(Labov), o posicionamento da criança-narradora, através dos adjetivos – redondas e marcado.

No turno 4, constatamos a utilização da memória semântica, o conhecimento de mundo do sujeito, que faz parte da memória de longa duração, e que a criança retoma parte da história de Lewis Carroll – Alice no país das maravilhas –, “*ela pega ... ela bate na porta ... ela cai lá e vai brincando e cai numa casinha e fica lá bem ... a casa é muito pequena ... e tinha uma porta que era falona*”; ainda, aqui, observamos o *script*, estrutura armazenada na memória episódica, que auxilia a criança na organização dos eventos relatados.

Na linha 6 verificamos a ocorrência do discurso direto, em que o narrador reproduz a fala dos dois personagens (porta falona – PF; Alice –A), PF: “ ... *você tem uma coisa que se chama cartão de CRÉdito pra por ne mim? e você entra Rápido ... [...] A: por enquanto eu não peguei ... posso entrá/ rapidinho SÓ prá/ visiTÁ/ as minhas AMIgas? [...] PF: SÓ um POUquinho meia hora você sai*”. Neste discurso, notamos a variação da entonação da voz na mudança de personagem, juntamente com a modificação da fisionomia facial da criança ao arregalar os olhos, gesto que serve para enfatizar a comunicação-verbal. Ainda, aqui, M faz inferência da realidade próxima, ao inserir em sua narrativa o “*cartão de crédito*”, em que ela assimila o discurso cotidiano do adulto pela convivência com ele. Segundo Mac-kay (2000:78-79):

A criança faz deslocamentos surpreendentes, dentro da história, argumentos que reforçam a carga de persuasão dos enunciados e que evidenciam seu desenvolvimento na posição de autora. Tais deslocamentos revelam uma realidade próxima a sua [...]

No turno 7, verificamos o resultado (LABOV), indicando uma causa (*aí o relógio tava assim ... TRIM TRIM TRIM TRIM TRIM TRIM TRIM BLOM:::) / consequência (... aí tava na hora dela ir embora ...*). Ao mesmo tempo, identificamos a coda, que o autor define como o desfecho da história.

Paralelamente ao desenvolvimento do enredo, verificamos a utilização tanto da memória de longo prazo quanto da memória de curto prazo, que faz parte das informações recentes, como a imagem – o desenho feito pela criança e, também, a proposta de contar uma história a partir do desenho. Este mostrou-se como um recurso auxiliador na elaboração da narrativa, pelos traços e elementos que a criança olhava e dava continuidade à sua história.

Considerações finais

A partir das duas narrativas apresentadas, observamos que o apoio do desenho dispensou maiores esclarecimentos no início das histórias. Consequentemente, as narrativas apresentam características típicas da linguagem oral, com elementos próprios do estilo conversacional, enunciados fragmentados, frequentes pausas, elipses, e, portanto, dependentes da representação pictográfica, na medida em que as crianças se utilizavam do desenho, para contar a história, ou seja, elas buscaram na imagem o apoio contextual necessário para veicular as informações.

A partir daí, constatamos que o desenho pode auxiliar as crianças na produção de histórias, pois elas não precisam usar elementos linguísticos explícitos para explicarem a razão de suas narrativas, devido ao apoio da representação pictográfica.

Um fato interessante na narrativa da menina (M), é que ela é mais detalhista do que a do menino (Y), claro, isso se deve ao fato da própria natureza biológica das meninas que, na maioria das vezes, amadurecem mais rápido que a dos meninos.

Paralelamente à construção da narrativa, constatamos a utilização da memória de curto prazo, o desenho e a orientação da atividade de contar uma história, relacionada à memória de longo prazo – memória episódica, por meio do *script*, que auxilia o narrador na organização dos eventos; ao mesmo tempo, em que são identificadas informações da memória semântica, como os conhecimentos de mundo acumulado dos sujeitos.

Bibliografia

- ADAM, J. M. **Le texte narratif**. Paris: Nathan-Université, 1985.
- BITAR, M. L. **Produção oral de crianças a partir da leitura de imagens**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.
- BRANDÃO, V. M. A. T. **Labirintos da memória: quem sou?** São Paulo: Paulus, 2008.
- BRUNER, J. **Realidade mental, mundos possíveis**. Trad. Marcos A. G. Domingues. 2ª. ed. Porto Alegre: Artes Médica, 2002.
- GARDNER, H. **A criança pré-escolar: como pensa e como a escola pode ensiná-la**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FIORINDO, P. P. **Em torno da narrativa/narração: a proposta revisitada do modelo laboviano de narrativa oral**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FFLCH/USP, 2005.
- _____. **O papel da memória construtiva na produção de narrativa oral infantil a partir da leitura de imagens em sequência**. Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCH/USP, 2009.
- IZQUIERDO, I. **A arte de esquecer**. São Paulo: Vieira e Lent, 2004.
- LABOV, W. **La transformation du vécu à travers la syntaxe narrative. Le parler ordinaire, la langue des ghettos noirs des États-Unis**. Paris: Minuit, 1972.
- MAC-KAY, A. P. **Atividade verbal: processo de diferença e integração entre fala escrita**. São Paulo: Plexus, 2000.
- NICOLELIS. [Miguel]. **União com máquina vai libertar o cérebro do corpo**. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 10 jun. 2009. Sabatina Folha, p. A16.
- SPINILLO, A. **O efeito da representação pictográfica na produção de narrativas**. In: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, 7, 3: 311-326, 1991.
- TULVING, E. **Episodic and semantic memory**. In: *Organization of memory*. Academic Press: New York, 1972.

